

## Mídia e Pantanal: o Jornalismo distante do ambiente<sup>1</sup>

BRUM, Eron; LINHARES, Gladis<sup>2</sup>.

### Resumo:

A investigação está relacionada à pesquisa *Sistemas de Informações como apoio ao Desenvolvimento Sustentável, a Biodiversidade e à Cultura fomentado por Pesquisas Básicas do Ecossistema do Pantanal do Negro*, do GIP – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, do Mestrado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional/UNIDERP. Trata-se de um trabalho bibliográfico e de campo sobre a influência midiática nos receptores que vivem/pesquisam/visitam o Pantanal do Rio Negro, a partir da coleta de informações de duas fontes: bibliográfica e entrevistas. O projeto justifica-se pelo número crescente de antenas parabólicas e o consumo mais intenso dos programas televisivos, além de outras mídias, no Pantanal Sul-mato-grossense. Além do aspecto ambiental, aborda outras possíveis influências das informações no cotidiano não só do homem pantaneiro, mas também dos visitantes, tais como na alimentação e na cultura e comportamento em relação ao meio ambiente.

**Palavras-chave:** Pantanal; percepção; jornalismo; mídia; cultura.

### 1. Os desafios do bioma Pantanal

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Comunicação Científica e Ambiental, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom2006.

<sup>2</sup> **Eron Brum** – doutor pela Universidade de São Paulo (Eca USP), coordenador do mestrado Interinstitucional em Ciência da Informação Uniderp/UnB, professor do Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Uniderp.

E-mail : [ebrum@terra.com.br](mailto:ebrum@terra.com.br)

**Gladis Linhares** – graduada em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), especialista e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e doutoranda em Comunicação Social pela UESP. Autora do livro “Televisão no imaginário dos índios Terena”, lançado em 2000 pela editora da Uniderp e de artigo publicado no livro *Mídia do Pantanal*, lançado em 2001, pela editora da Uniderp. Atualmente é docente no curso de Jornalismo da Uniderp.

E-mail: [glinhares@uol.com.br](mailto:glinhares@uol.com.br)

O bioma Pantanal é a maior planície alagável do planeta com 138.183Km<sup>2</sup> de área<sup>3</sup>, Considerado Patrimônio Ecológico pela Constituição de 1988 e reconhecido como reserva de biosfera mundial pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, em 9 de novembro de 2000, é formado por um complexo de ambientes naturais ou habitats que abriga uma fauna típica de cada um dessas paisagens. Há matas ciliares, de galeria, pacotes de matas mais ou menos homogêneas como cambarazais, paratudais, carandazais, savanas florestadas como cerradões e cordilheiras, savanas arborizadas como capões de cerrado, campos inundáveis, vegetação flutuante e diversas outras fitofisionomias descritas na literatura.

Esta diversidade encontrada é decorrente principalmente de fatores sazonais de seca e cheia. A enchente é recorrente a cada ano, inundando com águas rasas uma proporção de mais de 50% do Pantanal, contribui significativamente para formação desses ambientes.

Esses processos ecológicos influenciam nos ciclos de vida pantaneira (competição por recursos alimentares, reprodutivos, uso do espaço) e os períodos sazonais de cheia, atuam em escalas temporal e espacial (área de vida e território da fauna silvestre), estabelecendo diferenças locais e regionais, quando comparadas as diferentes sub-regiões do Pantanal ou quando se compara o Pantanal com o Cerrado.

Também as condições de vida do homem se alteram, principalmente no que diz respeito à pecuária, a atividade tradicionalmente praticada nos pantanais e que define as características socioculturais e econômicas da região. Nessa natureza complexa, ressalta-se a presença do ser humano, que, no processo de atuação sobre os ambientes natural e social, desenvolve ações que podem influir na sua conservação ou depreciação.

De acordo com BRUM(2001,p.13), ao longo do século passado o Pantanal sofreu profundas modificações, sendo as mais significativas:

Modificações de leito e alinhamento dos rios, criando maior número de arrombados, que são cortes de meandros produzidos pelo rio durante as enchentes, dividindo propriedades estabelecidas; Aumento do período de inundação de áreas ribeirinhas próximas aos rios. As propriedades agropastoris que eram exploradas, em média, por cerca de 7 meses por ano, passaram a ter apenas 3 a 4 meses de pastagens não inundadas, gerando impactos na criação de gado; Erosões localizadas em áreas urbanas, com destruição de matas ciliares e maior frequência de inundações; Como houve

---

<sup>3</sup> É formado pelo rio Paraguai e seus tributários da margem esquerda, grandemente no Brasil (Bento Gomes, Cuiabá, São Lourenço, Itiquira, Taquari, Negro, Aquidauana-Miranda, Nabileque e Apa). As margens do rio Paraguai constituem o limite oeste do Pantanal, tocando a Bolívia ao norte e, o Paraguai ao sul. ALHO (2003, p.30).

modificação significativa da cheia média de enchente, que molda o leito menor dos rios, esses tenderam a ampliar a seção e a criar novos caminhos, aumentando o número de meandros e ilhas no sistema, causando migrações de leito.

Para BANDUCCI Jr; MORETTI (apud Brum 2001, p.16), as maiores ameaças ao Pantanal são representados por projetos de desenvolvimento da região como a Hidrovia Paraguai-Paraná, que planeja o tráfego de grandes comboios de embarcações através do Rio Paraguai, transportando a soja e o minério do estado de Mato Grosso do Sul para os países do Mercosul e outros continentes. Outro projeto é a instalação de um pólo industrial siderúrgico e petroquímico no município de Corumbá, que utilizará como energia o gás natural proveniente da Bolívia e os minérios existentes na Morraria do Urucum, localizada no mesmo município de Corumbá.

De acordo com BRUM (2001, p.17) estas ações podem representar “danos irreparáveis ao ambiente pantaneiro e, ao mesmo tempo, colocar em risco a possibilidade de coexistência com outras atividades econômicas consideradas como a verdadeira vocação da região, entre elas a pecuária, o turismo e a pesca.”

Mediante as modificações do ambiente, outras de ordem econômica e cultural principalmente acarretam transformações na vida do homem pantaneiro. Esta imensa área alagada com rica diversidade de fauna e flora despertou o interesse dos proprietários rurais, até então criadores de gado, para um novo ramo de negócio: o turismo.

Houve notadamente nos últimos cinco anos a adaptação, e até mesmo a construção de pousadas nas fazendas para receber visitantes/hóspedes. Além de uma opção de renda, traz à tona a necessidade de conservar o ambiente para mostrar ao visitante. De uma maneira geral, a atividade turística tem duas perspectivas: além de fonte de renda para o proprietário, força a conservação do local.

Pode ser visto como a conservação de um grande museu com diversidade de fauna, flora a céu aberto. Por outro lado, o contato freqüente do homem pantaneiro com turistas em especial, acarreta adaptações dos costumes tradicionais à nova realidade.

A área foco de estudo é o IPPAN - Instituto de Pesquisas do Pantanal da UNIDERP, e região do entorno. Situada na planície de inundação do rio Negro, no município de Aquidauana, a fazenda Santa Emília, localizada no quadrante geográfico 19°29'12,2" a 19°30'49,8" de latitude sul e 55°35'28,5" a 55°42'37,9" de longitude oeste, com 2.618ha, sedia o Instituto de Pesquisa do Pantanal (IPPAN) da UNIDERP e a Pousada Araraúna.

O acesso se dá por transporte terrestres, com cerca de 250km de distância de Campo Grande, com percursos via cidade de rio Negro ou via cidade de Aquidauana. Por transporte aéreo a distância é cerca de 150km e o tempo estimado de vôo é de 40min.

O IPPAN é um órgão suplementar da UNIDERP, vinculado à Reitoria, visa o desenvolvimento de atividades acadêmicas relativas ao ensino, pesquisa e extensão. Encontrase em atividade desde 2001, a partir de então, tem proporcionando o desenvolvimento de pesquisas naquele local.

A pousada Araraúna, criada em 2002, para atender pesquisadores e turistas, possui instalações físicas que incluem alojamentos para pesquisadores, apartamentos, chalé, laboratório, centro de exposições permanente, redário, piscina, biblioteca, restaurante e pista de pouso. Viabiliza para o desenvolvimento dos projetos de pesquisa e atendimento aos visitantes veículos traçados, barcos e cavalos, além de funcionários e técnicos aptos a acompanhar os grupos e fornecer todo apoio durante a estadia em campo.

## **2. O superficial enfoque midiático**

O Pantanal, talvez por sua complexidade, os ecossistemas que abriga, as enchentes e as secas e a grande biodiversidade ainda não totalmente conhecida, entre outras características, ainda não encontrou, na mídia, ambiente ideal para ser mais e melhor conhecido. Há, na verdade, um enorme paradoxo na relação mídia e meio ambiente. Ramos(1995) observou que ao mesmo tempo em que desempenha um papel de ligação nos esforços para a constituição de uma base de entendimento comum diante das diferentes leituras sobre os temas ambientais, a comunicação de massa é responsável tanto pela omissão, quanto pela difusão indiscriminada de mensagens. E, muitas dessas informações, de forte apelo persuasivo, refletem interesses meramente corporativos e não coletivos, como se deveria supor, uma vez que o meio ambiente engloba toda uma coletividade.

Além disso, registra-se o crescimento, nos últimos anos, de publicações, reportagens e documentários sobre o meio ambiente, e também a busca de empresas e instituições em vincular suas imagens à 'defesa do meio ambiente', por meio de campanhas de publicidade e patrocínio de eventos de natureza ecológica.

Mesmo dez anos depois da constatação de Oliveira(1996), o tratamento jornalístico sobre questões ambientais permanece atrelado a três tipos de enfoques: denúncias, divulgação amena de nichos ecológicos propostas de soluções para problemas

ambientais. Os dois primeiros ocupam quase todos os espaços e, o terceiro, continua sendo o grande ausente das pautas midiáticas.

Ao analisar o conteúdo de informações publicados por um jornal diário de Campo Grande(MS), Catônio(2001: 88-89) reforça a fragilidade da mídia impressa nas abordagens da temática ambiental pantaneira:

Dos conteúdos analisados não foi possível encontrar elementos de construção do conhecimento ambiental. Apenas as alusões à piracema(fenômeno da reprodução dos peixes) apresentaram algum valor nesse sentido, mas de maneira muito superficial. Ainda assim, não se destinavam a construir, ou sequer a ampliar o conhecimento ambiental do público leitor. Foram impressas com a intenção explícita de persuadir o pescador a respeitar o ciclo natural da reprodução de peixes.

Então, os exemplos citados mostram que a contribuição da mídia para a disseminação do conhecimento do bioma Pantanal não passa, ainda, de simples notícias descompromissadas com o meio ambiente. O tão esperado ‘casamento’ Informação-Educação(neste caso, Educação ambiental) ainda continua um sonho distante. De modo geral as reportagens – especialmente em jornais, revistas e tvs – exploram as suas riquezas, apenas registram as tragédias (queimadas, assoreamento dos rios, erosão, pesca predatória), tudo de forma mais ou menos superficial, e não aprofundam as graves questões denunciadas por ecologistas e constatadas por pesquisadores(BRUM, 2001).

O autor alerta para um efeito midiático relevante no Pantanal, o que faz aumentar a responsabilidade e demonstra o poder dos meios de comunicação: a influência que a televisão vem exercendo sobre os costumes e cultura do homem pantaneiro. O modo de falar e de vestir, a cultura e os relacionamentos familiares e sociais são fortemente afetados pelas imagens televisivas captadas via satélite, processo que elimina a programação regional, esta mais de acordo com a realidade pantaneira.

### **3. Percepção e o papel do Jornalismo**

A importância da pesquisa em Percepção Ambiental<sup>4</sup> para o planejamento do ambiente foi ressaltada na proposição da UNESCO (1973), que:

[...] uma das dificuldades para a proteção dos ambientes naturais está na existência de diferenças nas percepções dos valores e da importância dos mesmos entre os indivíduos de culturas diferentes ou de grupos sócio-econômicos que desempenham funções distintas, no plano social, nesses ambientes.

---

<sup>4</sup> Disponível no < [http://www.lapa.ufscar.br/portugues/perc\\_amb.htm](http://www.lapa.ufscar.br/portugues/perc_amb.htm) > Acesso em 07 mai.2006

Esta percepção é diferenciada conforme os valores sociais, culturais, educacionais dos indivíduos. A percepção ambiental é conceituada por Sandra Faggionato (2002)<sup>5</sup> como a maneira que:

Cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente frente às ações sobre o meio. As respostas ou manifestações são, portanto, resultado das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo. Embora nem todas as manifestações psicológicas sejam evidentes, são constantes, e afetam nossa conduta, na maioria das vezes, inconscientemente.

Pretende-se com este trabalho, reconhecer no homem pantaneiro, no turista e no pesquisador da área a percepção do ambiente, para a partir dos resultados elaborar programas para contribuir com a formação voltada para a preservação, conservação do ambiente.

Conhecer a percepção que os indivíduos têm acerca de seu meio é de fundamental importância para a compreensão da inter-relação entre o homem e o ambiente, suas expectativas, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas.

Qual o interesse em conhecer a percepção destes atores sociais com relação ao Pantanal? Como estes atores percebem o ambiente pantaneiro? Porque trabalhar com estes atores?

No nosso entendimento, são questões que devem ser esclarecidas através da produção de programas para os residentes nas cidades, como para reconhecimento dos que estão nos pantanais. Sabe-se que a mídia, principalmente a eletrônica tem abrangência em todo o território nacional (desde que tenha energia elétrica), a população brasileira é acostumada com a televisão, o tempo de exposição aumenta a cada nova pesquisa.

Ignácio Ramonet (2004, p.26), entende que a televisão se impôs não só por apresentar um espetáculo, mas por ser “um meio de informação mais rápido do que os outros, tecnologicamente apta, desde o fim dos anos 80, pelo sinal dos satélites, a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz”. Sua influência favorece a formação de conceitos que, com o decorrer do tempo, através da frequência e repetição da informação, vão se sedimentando.

No Brasil, a televisão é a mídia de maior presença nos domicílios. De acordo com resultados divulgados em 12 de setembro de 2002, a Pesquisa Nacional por Amostra

---

<sup>5</sup> Disponível no < [http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m\\_a\\_txt4.html](http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html) >. Acesso em 07mai.2006.

Domiciliar (Pnad)<sup>6</sup> revelou que, pela primeira vez na história, o número de receptores de TV ultrapassou o de rádios no País.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2001 o índice de domicílios com TV atingiu 89% (41,4 milhões), enquanto que em 88% (40,9 milhões) dos lares existia pelo menos um aparelho de rádio.

Em 2004, a Target Group Index divulgou a pesquisa realizada no Brasil nos últimos quatro anos, identificando que 55% da população brasileira assistem, no mínimo, a quinze horas semanais de programação, ou seja, mais de duas horas por dia. A pesquisa entrevistou 10.300 pessoas de 12 a 64 anos, de todas as classes sociais, nos onze principais mercados brasileiros, representados através de indicadores econômicos, sociais, culturais e educacionais. Na região Centro-Oeste, somente o Distrito Federal fez parte deste universo, por possuir mais de um milhão de habitantes.

Em janeiro de 2005 foi a vez de o IBGE divulgar pesquisa relacionada ao consumo de televisão no Brasil. Os dados se referem a todo o país, com uma amostra de 52 milhões de telespectadores, em 15,9 milhões de domicílios, nas principais cidades brasileiras. Os resultados da amostra apontam que o telespectador brasileiro gastou 4 horas, 53 minutos e 22 segundos vendo TV aberta em cada dia de 2004. Sendo que a média diária, por domicílio, foi de 8 horas e 31 minutos, em 2004, dois minutos e meio a mais do que em 2003, tempo que um ou mais televisores, de uma mesma casa, ficaram sintonizados em canais abertos.

Uma pesquisa do Painel Nacional de Televisão do Ibope, divulgada em 19 de janeiro de 2006, pelo jornal *Folha de São Paulo*, revela que o tempo dedicado a TV cresceu meia hora desde 2001. A amostra compreendeu a audiência nas principais capitais brasileiras, que representam 53.293.900 indivíduos com mais de quatro anos de idade. O resultado apontou ainda, que as possíveis causas estão relacionadas ao desemprego, aumento da população idosa e venda recorde de dez milhões de televisores em 2005.

A constatação de BRUM (2001, p.19), não difere do quadro nacional em particular do homem pantaneiro que em sua maioria vive em áreas isoladas geograficamente, mas com acesso aos meios de comunicação como uma maneira de aproximar o rural do urbano.

A mídia, principalmente através do rádio e televisão, atinge todos os municípios da Bacia do Alto Paraguai/MS, seja no contexto urbano ou rural. O consumo de antenas parabólicas demonstra que tende a crescer a influência da televisão na região. Constatou-se que os hábitos, gostos e valores da população local estão se transformando em função dos apelos de

---

<sup>6</sup> Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível no endereço [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

consumo veiculados pelos meios de comunicação. Novas necessidades se impõem, inclusive para o homem do campo, que vê crescer a sua dependência em relação ao meio urbano. Na análise sobre a cultura regional na BAP/MS, foi possível observar que antigos padrões de relação com a natureza estão sendo substituídos, em ritmos variados, por novas formas de percepção do mundo, resultante, dentre outros, do incremento e da diversificação da economia, dos novos padrões sociais veiculados e afirmados pelos meios de comunicação, pela aproximação cada vez maior entre o meio rural e o urbano.

Todos estes elementos são relevantes para a composição de um quadro neste ambiente diverso e pouco estudado. Muito pouco se sabe a respeito da presença da mídia, sua ação, influência no receptor em áreas isoladas, em particular no Pantanal e dos atores envolvidos nesta pesquisa.

A próxima etapa da investigação – iniciada em junho – fará o cotejamento da percepção ambiental de três segmentos (descritos em Procedimentos Metodológicos) com as temáticas abordadas na informação midiática.

### **3. Procedimentos metodológicos**

Na aplicação de questionário - perguntas fechadas e abertas – destacamos as variáveis de sexo, escolaridade, faixa etária, renda e escolaridade. As entrevistas estão sendo feitas com três segmentos: pantaneiros, turistas e pesquisadores. A pesquisa está em fase inicial – iniciada em fevereiro de 2006 e término da primeira etapa em janeiro de 2007 - 1 e, neste texto, analisamos apenas parte dos questionários, sem distinção dos segmentos, para conhecer de que forma se percebe as questões ambientais do bioma Pantanal. Concluída a etapa, inicia-se a fase da relação entre a percepção ambiental e a recepção das mensagens com temas ambientais veiculadas pela Televisão.

Serão codificados os dados quantitativos, mas, a análise, seguirá a linha qualitativa, conforme defende Richardson (1989, p.39) na adequação entre os grupos e aplicação de técnicas:

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Flick (2004) argumenta que a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações da realidade social, bem diferente da quantitativa que prioriza números e modelos estatísticos. É preciso levar em conta que o Ambiente Pantanal é um tema complexo, fator que não recomenda a pesquisa quantitativa como a principal forma de coletar e analisar dados no âmbito das ciências sociais e aplicadas e humanas., pois, como recomenda Barreto(2000), os números não são representativos para situações que envolvem situações subjetivas.

Para esta fase da pesquisa os dados foram submetidos a Análise Argumentativa, seguindo as orientações de Bauer e Gaskell(2005): objetiva documentar a maneira como afirmações são estruturadas dentro de um texto discursivo e, também, avaliar a sua consistência, solidez.

Entretanto, ao final da pesquisa, todos os questionários serão decodificados pelo software francês Sphinx Lexical para auxiliar na análise aprofundada dos resultados.(FREITAS E JANISSEK, 2000).

### 3.1 As variáveis

<b>SEXO</b>	<b>%</b>
MASCULINO	50,0
FEMININO	50,0
TOTAL	100,0

Tabela 1

<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>%</b>
FUNDAMENTAL INCOMPLETO	15,0
FUNDAMENTAL COMPLETA	5,0
MÉDIO INCOMPLETO	5,0
MÉDIO COMPLETO	5,0
SUPERIOR INCOMPLETO	10,0
SUPERIOR COMPLETO	10,0
PÓS-GRADUAÇÃO	40,0
ANALFABETO	10,0
TOTAL	100,0

Tabela 2

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>%</b>
ATÉ 16 ANOS	5,0
17 A 24 ANOS	10,0
25 A 34 ANOS	40,0
35 A 44 ANOS	10,0
45 A 54 ANOS	5,0

MAIS DE 55 ANOS	30,0
TOTAL	100,0

Tabela 3

RENDA	%
UM SALÁRIO MÍNIMO	10,0
2 A 3 SM	30,0
4 A 5 SM	5,0
6 A 9 SM	15,0
10 E + SM	25,0
SEM RENDA	15,0
TOTAL	100,0

Tabela 4

PROFISSÃO/ATIVIDADE	%
PROFESSOR	25,0
PEÃO	20,0
ESTUDANTE	15,0
ENGENHEIRO	5,0
GUIA RURAL	5,0
COZINHEIRO	5,0
ADVOGADO	5,0
ASSISTENTE SOCIAL	5,0
ECONOMISTA	5,0
EMPRESÁRIO	5,0
ARQUITETO	5,0
TOTAL	100,0

Tabela 5

### 3.2 Questões gerais – análise de dados

Foram feitas cinco perguntas a todos os integrantes dos três segmentos entrevistados na pesquisa - turistas, pesquisadores e pantaneiros – com o objetivos de avaliar atitudes conhecimentos básicos sobre o ambiente e apenas um deles – pantaneiro – confessou não ter qualquer interesse com as questões ambientais.

Em seguida, 50 por cento dos entrevistados consideram que causa algum dano ao meio ambiente, 45 se isentam de qualquer culpa quanto à degradação ambiental e 5 por cento não souberam responder. E 90 por cento se declararam “incomodados” com essa atitude e apenas 10 por cento confessaram que tal fato não eram motivos de preocupação. Os mesmos 90 por

cento garantiram que tomaram alguma atitude para não repetir o “dano” e os restantes 10 por cento continuaram ignorando a questão.

Quanto ao perfil dos entrevistados, há equilíbrio entre os sexos (cinquenta por cento de para cada grupo) e, quanto à escolaridade, os prós graduados e os que completaram o ensino fundamental são predominantes. Equilíbrio também nas faixas etárias de 25 a 34 anos e os maiores de 55 anos. As rendas mais significativas estão nas faixas de 2 a 3 salários mínimos e 10 ou mais. Trabalhadores do Pantanal, Professores e Estudantes predominam entre os entrevistados.

Perguntados o que pensam, do Pantanal, apresentamos, abaixo, um quadro com frases-síntese:

<b>FRASE-PANTANAL</b>
1. A vida é muito tranqüila e não tem violência
2. Tem que ser conservado para garantir o futuro
3. Um paraíso que a ação do homem pode destruir
4. A chegada da energia elétrica melhorou muito a vida de todos
5. No passado era mais preservado, o turismo está mudando isso
6. É uma região muito bonita
7. Ecossistema variado que tinha muito mais água no passado
8. Era um ambiente equilibrado e hoje sofre devastação
9. Ecossistema rico e de convivência entre animais e vegetais
10. Uma riqueza de biodiversidade que pode gerar muita renda
11. O crescimento do turismo pode causar devastação
12. Uma região sem futuro a curto prazo
13. Uma grande biodiversidade, lugar único no mundo
14. Um ambiente maravilhoso que atualmente está degradado
15. Ambiente(planície) de cultura própria e dependente do Planalto
16. Fantástico, tranqüilo e único em biodiversidade
17. É tudo de bom e precisa ser preservado
18. É a coisa mais linda para se ver
19. Governo precisa ser mais atuante para garantir a conservação

Tabela 6

A primeira interpretação que pode ser feita sobre a pergunta aberta relacionada ao Pantanal é a variedade de respostas. O lúdico está sempre presente nas observações, como evidenciam as palavras ‘fantástico’, ‘bonito’, ‘tranqüilidade’. A região é entendida como representativa de variada biodiversidade e, ao mesmo tempo, sofrendo devastação pela ação do homem, especialmente devido ao crescimento do turismo.

A chegada da luz elétrica é sinônimo de progresso, notadamente para os pantaneiros, mas apesar disso os governos são considerados ausentes no que se refere à preservação, ou conservação, já que se trata de uma planície com forte dependência do planalto.

#### **4. Algumas considerações**

Mesmo que a presente investigação se encontra em fase preliminar, é possível, com base na reflexão teórica e nos primeiros resultados da pesquisa de campo, tecer considerações. A primeira é que apesar das críticas dos autores de obras sobre o Pantanal a mídia continua ignorando os sérios problemas ambientais da região.

O enfoque midiático é superficial e pouco contribui para levar conhecimento aos consumidores de informação. As matérias jornalísticas geralmente abordam denúncias, destacam o pitoresco da região e repetem, à exaustão, que o Pantanal é um “paraíso”, e não aprofundam nos temas que estão causando sérios estragos: degradação, assoreamento dos rios, esgotos produzidos no planalto e despejados na planície, pesca predatória e até mesmo o tão desejado turismo dando suas parcela de colaboração para a poluição ambiental.

Alguns sinais de que nem tudo é paraíso no Pantanal, podem ser identificados nas frases de pesquisadores, turistas e pantaneiros entrevistados pelos autores do presente artigo:

- Tem de ser conservado para garantir o futuro;
- Um paraíso que a ação do homem pode destruir;
- O crescimento do turismo pode causar devastação;
- Um ambiente maravilhoso que atualmente está degradado;
- Uma riqueza de biodiversidade que pode gerar muita renda;
- Governo precisa ser mais atuante para garantir a conservação;

Essas são frases que não mostram apenas a degradação ambiental que é visível no Pantanal, mas, destacam a importância dessas planície rica em biodiversidade e que, bem explorada, pode significar uma fonte de renda sustentável de mais alta relevância para a população pantaneira, independente de sua atividade tradicional, a pecuária.

Por último, é bom lembrar que o trinômio recomendado pelas Nações Unidas para o uso da terra no presente e garantia de preservar a vida para as futuras gerações-Economia eficiente, Justiça social e Prudência ecológica – ainda está muito distante das ações do homem e ausente das preocupações midiáticas.

## Referências

- ALHO, Cleber. **Conservação da biodiversidade da Bacia do Alto Paraguai**. Campo Grande: Ed.Uniderp, 2003.466p.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. *A estrutura do texto e a transferência da informação*. Datagramazero – Revista de Ciência da Informação - .v.6, n.3, jun./2005, ARTIGO 1. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/un05/Art.01.htm>, Acesso em 19.mai.2006.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Um Manual Prático*. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BRUM, Eron. *O pesquisador, a mídia e o pantanal* In: **A Mídia do Pantanal**. Campo Grande: Editora UNIDERP, 2001.
- CATÔNIO, Ângela. *Nas trilhas do pantanal*. In: **A Mídia do Pantanal**. Campo Grande: Editora UNIDERP, 2001.
- FAGGIONATO, Sandra. **Percepção ambiental**. Disponível no < [http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m\\_a\\_txt4.html](http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html) >. Acesso em 07mai.2006
- FLICK, Uwe. *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa*. 2ª ed. Porto Alegre: Boockman, 2004.
- FREITAS, Henrique; JANISSE, Raquel. *Sphinx: Análise Léxica e Análise de Conteúdo*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- Percepção ambiental. Disponível no< [http://www.lapa.ufscar.br/portugues/perc\\_amb.htm](http://www.lapa.ufscar.br/portugues/perc_amb.htm).> Acesso em 07mai.2006.
- OLIVEIRA, Fabiola de. *Democracia, meio ambiente e jornalismo no Brasi*. In: **Comunicação e Meio Ambiente**. São Paulo: Edusp, 1996.
- RAMOS, Luís F.A . **Meio Ambiente e Meios de Comunicação**. São Paulo: Annablume, 1995.
- RICHARDSON, R.J. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Atlas, 1989..